

As mudanças no ensino superior brasileiro e a profissão acadêmica. Uma análise Foucaultiana

CLAUDIA MARIA HUBER¹

<http://dx.doi.org/10.22347/2175-2753v13i38.3040>

Resumo

Esta investigação se propõe a analisar quais os efeitos e as consequências das mudanças de gestão, decorrentes do *New Public Management*, que perpassam o discurso da qualidade no ensino superior. A perspectiva de análise é inspirada na abordagem de Michel Foucault. Foi realizado um estudo de caso, de caráter exploratório-descritivo. Foram entrevistados 36 acadêmicos, e os dados coletados foram tratados por meio de análise de discurso. Os resultados da pesquisa mostram como exemplo de efeito a cobrança por produtividade, a qual remete o acadêmico à autorregulação e à autodisciplina, tendo em vista que estas competências respondem a mecanismos de registro, avaliação e classificação, fatores que exercem poder sobre o fazer docente, levando à individualização – a fabricação de indivíduos.

Palavras-chave: Educação Superior. Foucault. Qualidade. Managerialismo. *New Public Management*.

Submetido em: 29/07/2020

Aprovado em: 08/02/2021

¹ Universidade do Porto, Porto, Portugal; <http://orcid.org/0000-0003-4544-7351>; e-mail: claudia.huber@catolicasc.org.br.

Changes in Brazilian higher education and academic profession. A Foucauldian analysis

Abstract

The present investigation aims to analyze the effects and consequences of management shifts resulting from New Public Management permeating the discourse of excellence in higher education. The analysis perspective is inspired by Michel Foucault's approach. A descriptive qualitative case study was conducted. Hence, 36 academics were interviewed, with the data collected being treated through discourse analysis. As an example of this effect, the research findings demonstrate the demand for productivity, which leads the academic to self-regulation and self-discipline, bearing in mind that these competencies respond to mechanisms of registration, evaluation and classification, which are factors that exercise power over teaching, they lead to individualization - the fabrication of individuals.

Keywords: Higher Education. Foucault. Quality. Managerialism. New Public Management.

Cambios en la educación superior universitaria Brasileña y en la profesión académica. Un análisis Foucaultiano

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo analizar cuáles son los efectos y consecuencias de los cambios de gestión, resultantes de la *New Public Management* que permean el discurso de la calidad en la educación superior. La perspectiva de análisis se inspira en el enfoque de Michel Foucault. Se realizó un estudio de caso exploratorio-descriptivo. Se entrevistó a 36 académicos y los datos recolectados fueron tratados a través del análisis del discurso. Los resultados de la investigación muestran, como ejemplo del efecto, el cargo por productividad, que remite al académico a la autorregulación y a la autodisciplina, considerando que estas competencias responden a mecanismos de registro, evaluación y clasificación, factores que ejercen poder sobre el quehacer docente, que conduce a la individualización: la fabricación de individuos.

Palabras clave: Educación Superior Universitaria. Foucault. Calidad. Administración. Nueva Administración Pública.

Introdução

As mudanças no Ensino Superior (ES) estão alinhadas com a realidade de muitos países no decorrer das últimas décadas. As Instituições de Ensino Superior (IES) foram pressionadas a se adaptarem a nova realidade, baseada em padrões de excelência e qualidade (HARRIS, 1992; GREEN; HARVEY, 1993; ROTHEN; BARREYRO; PRADO; BORTOLIN; CAVACHIA, 2015), que exigem respostas mais rápidas e eficazes ao mercado. Na busca por excelência, a qualidade torna-se um diferencial relevante para a notoriedade e permanência das IES no mercado. Muitos elementos são considerados para a obtenção da excelência, a começar pelos padrões estabelecidos pelos órgãos governamentais de controle, acreditação e auditoria, até mesmo a gestão do curso, infraestrutura e produção do corpo docente (PEREIRA; ARAÚJO; MACHADO-TAYLOR, 2018).

Essas mudanças (NEAVE, 2001; AMARAL; MAGALHÃES, 2007) estão relacionadas com o neoliberalismo que, mesmo com diferentes interpretações na sua definição, apresenta consenso como sendo um “conjunto de políticas econômicas e sociais que promovem o interesse individual” (LIPMAN, 2011, p. 6), mercados livres, escolha, competição e escassez.

As mudanças no ES não têm impacto somente sobre os sistemas e instituições, mas também sobre os profissionais, desencadeando processos de desprofissionalização de profissionais (por exemplo, acadêmicos) e desvalorização das condições de trabalho (CARDOSO; CARVALHO; VIDEIRA, 2018). Concomitantemente, as características do profissionalismo dos acadêmicos podem estar mudando através de um processo de aculturação com a cultura da gestão (BALL, 2016).

Assim, as formas de gestão (como exemplo, a avaliação) surgem como poderosas alavancas de concorrência individual e definem novos modos de subjetivação. Essas formas de subjetivação neoliberal causam sofrimento porque operam na vida das pessoas, no trabalho e fora dele (DARDOT; LAVAL, 2016).

É nesse contexto que Ball (2016) discute questões além da economia e outras que se pode considerar como decorrentes da economia. O que o autor aborda está nas relações interpessoais, identidade e subjetividade, como nos valorizamos e valorizamos os outros, como pensamos sobre o que fazemos e por que fazemos.

Esses estudos revelam a preocupação com a implementação das novas práticas de gestão nas IES, nomeadamente aquelas que afetam a profissão docente. Com isso, pretende-se dar sequência nas investigações, buscando compreender sob distinto olhar, direcionado ao poder disciplinar que emerge nesse contexto. O que se pretende mostrar nesta investigação é que a qualidade nas universidades, segundo Shore e Roberts (1993, p.10), é melhor entendida como "tecnologias disciplinares", sob a perspectiva de Foucault, na qual "o pessoal universitário torna-se cúmplice, e mais ou menos dispostos na criação de um sistema mais amplo de prisão". Os autores afirmam ainda que, sob a perspectiva de Foucault, longe de melhorar o desempenho e qualidade no ensino e pesquisa, o modelo foi construído de acordo com uma agenda política, cujo objetivo estava no controle social.

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo analisar quais os efeitos e consequências das mudanças de gestão, decorrentes *New Public Management* (NPM) que perpassam o discurso da qualidade no ES. A perspectiva de análise é inspirada na abordagem de Michel Foucault.

À vista disso, focando no caso de uma IES brasileira, este trabalho pretende contribuir para o conhecimento analisando como os acadêmicos percebem os efeitos dessas mudanças da gestão no ES, nomeadamente na inconsistência da literatura considerando a análise foucaultiana.

Nas seções a seguir, detalha-se os aspectos teóricos e empíricos evocados nesta introdução.

Fundamentação Teórica

As novas demandas do ES, além da emergente competição no meio acadêmico, alteram a tradicional forma de gestão, nomeadamente para assegurar padrões acadêmicos nas universidades. Por conseguinte, novos instrumentos são implementados para a garantia da qualidade (DILL; BEERKENS, 2012). Entre estes instrumentos, encontra-se a avaliação de desempenho. Ela é vista como arquétipo, embora haja outras práticas. Tal conjuntura que integra sujeitos (acadêmicos) calculáveis e governáveis, participantes em formação, avaliações, acompanhamentos, controles, normas, entre outros, atende ao proposto pela qualidade. Assim, a característica dessas novas práticas de gestão é que elas

buscam praticar o controle, de modo que o controle é aplicado por levar pessoas e organismos para a prática de autocontrole e autogestão (ENGBRETSSEN; HEGGEN; EILERTSEN, 2012).

A teoria de Foucault instiga a compreensão do sujeito humano como constituído de poder/conhecimento e por subjetivação ou objetivação (TOWNLEY, 1994). As práticas de Gestão de Pessoas (GP) funcionam como uma meticulosa forma de poder, como, por exemplo, o registro do comportamento individual, por um julgamento normalizante decorrente de desvios de uma norma. Assim, estudiosos foucaultianos (TOWNLEY, 1994; DU GAY, 1996) identificaram que as práticas de GP impõem um regime sobre a organização do trabalho.

New Public Management e managerialismo no ES

No Brasil, as mudanças merecem destaque, sobretudo a partir de 1995 com a Reforma do Aparelho do Estado, fundamentadas com o advento do NPM, cujo enfoque encontra-se na adoção de instrumentos gerenciais privados no âmbito do setor público. Contexto que evidencia a leitura do papel do governo como regulador do ES e o cenário competitivo das IES, com a exigência pública de transparência sobre a qualidade do ensino (ROTHEN; BARREYRO; PRADO; BORTOLIN; CAVACHIA, 2015; ROTHEN; MALHEIROS; SILVA; SOUZA; BERNARDES; BORTOLIN; FERNANDES; BOTIGLIEIRI; BORGES, 2018).

Essa configuração de gestão é identificada no sistema de ES, no qual apresenta uma proposta, conforme Dias Sobrinho (2010), dando mais transparência ao vínculo entre quem oferta e quem demanda educação. Nomeadamente ao mercado em forma de *rankings* de qualidade dos serviços de educação que estão sendo ofertados.

O discurso da qualidade no âmbito educacional no Brasil está vinculado tanto à questão social quanto à avaliativa (ROTHEN; BARREYRO; PRADO; BORTOLIN; CAVACHIA, 2015). Nesse enfoque, o contexto educacional em esfera nacional e internacional sinalizava para a perspectiva avaliativa no ES como condição de prestação de contas (*accountability*) à sociedade civil (SANTANA; SILVA; SOUZA; BERNARDES; ROTHEN; BORTOLIN; FERNANDES; BOTIGLIERI; BORGES, 2016).

Além disso, a avaliação do ES, no contexto da Reforma do Estado, tornou-se um instrumento de controle da qualidade da educação via mercado, compreendida como a concorrência entre as instituições a melhor forma de controle do ES

(ROTHEN; BARREYRO; PRADO; BORTOLIN; CAVACHIA, 2015). No caso brasileiro, e com atual aplicabilidade, tem-se o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes) que foi criado em um momento em que a avaliação era um instrumento de controle pelo mercado da expansão privada do ES.

No âmbito do ES, destacam-se “a privatização, a terceirização e a publicização dos resultados das avaliações externas” (SANTANA; SILVA; SOUZA; BERNARDES; ROTHEN; BORTOLIN; FERNANDES; BOTIGLIERI; BORGES, 2016, p. 527), práticas de gestão que remetem a visibilidade no mercado educacional. Esse contexto permite ao Estado a garantia da qualidade no ensino, comprometendo as instituições, através da descentralização da sua atuação e conseqüentemente na redução da sua responsabilidade.

A partir disso, a gestão gerencialista, com foco direto em eficiência e eficácia, introduz práticas que promovem a gestão de si. As referidas práticas, como frutos da nova gestão, possibilitam acompanhar os resultados previstos pelas instituições e profissionais, mediante o cumprimento de metas e de seu desempenho (ROTHEN; SANTANA, 2015; ROTHEN; MALHEIROS; SILVA; SOUZA; BERNARDES; BORTOLIN; FERNANDES; BOTIGLIEIRI; BORGES, 2018; CARDOSO; CARVALHO; VIDEIRA, 2018).

Nesse contexto é que se adequa, por exemplo, a questão da avaliação, tendo em vista a lógica de mercado voltada para desempenho configurado na qualidade. Logo, no âmbito do ES, entre os vários elementos centrais para o NPM, apresenta-se a vigilância (por meio da avaliação) e a mensuração (do desempenho), visando aumentar os produtos (e serviços) e vencer a concorrência.

A partir dessas considerações, percebe-se que a realidade brasileira se aproxima, em muitos aspectos, daquilo que acontece em outros países no que diz respeito à qualidade no ES.

O poder disciplinar por Michel Foucault

O que caracteriza a abordagem de Foucault perpassa a fabricação do sujeito, a subjetividade, que emerge do discurso e que reflete em como esse sujeito direciona a sua vida (pública e privada).

Para Foucault (1995, p.199), não existe uma teoria do poder, no entanto, ele defende a existência de relações de poder, quer dizer, “formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente”.

Consoante ao poder, Foucault destaca “duas economias de poder” que resultam em distintos regimes de poder: o ato de reprimir aniquilando os corpos, típico do modo feudal e as normas de vigilância, e a regeneração dos corpos, como práticas mais contemporâneas (PRADO FILHO; LOBO; LEMOS, 2014).

Foucault (2014) entende que o poder disciplinar cria uma forma celular de individualidade. Esta composição origina uma individualidade combinatória que trata os corpos individuais como elementos móveis, para serem conectados a outros corpos individuais, e controla o tempo para maximizar a extração de suas forças e combiná-los com outros para melhores resultados, dispensando verbalização e explicação. Tal condição fica evidente quando Foucault (2014, p. 165) expõe que “em síntese, pode-se dizer que a disciplina produz, a partir dos corpos que controla, quatro tipos de individualidade, ou antes uma individualidade dotada de quatro características: é celular, é orgânica, é genética, é combinatória”.

Além disso, Foucault defendia ser um equívoco qualificar o poder como fundamentalmente repressivo, que diz “não”, que castiga e que impõe limites. Por conseguinte, infere uma perspectiva de poder desprendida de controle e censura, uma apreciação favorável do poder (PRADO FILHO, 2006; CANDIOTTO, 2011). Nesse contexto, Taylor (2018) defende que o exercício do poder acontece quando o indivíduo tem seu comportamento moldado por certos meios e age sem que seja forçado, age por “seu próprio desejo” – livre.

O poder desenvolve-se em primeira instância por meio das escolhas, comportamentos e interações específicas, locais e individuais (LYNCH, 2018). Estas, por sua vez, combinam com inúmeras maneiras de constituir padrões sociais maiores e, eventualmente, produzem macroformas, que normalmente se apresentam quando se pensa em “poder” (sociedades, estados) (PRADO FILHO, 2006).

Foucault (2014) argumenta que o poder disciplinar tem como função orientar o indivíduo para dele apropriar-se ainda mais e melhor. A partir disso, o autor aborda três pilares que tornam viável o poder disciplinar atuar plenamente, quais sejam: normalização, individualização e visibilidade/vigilância.

A propósito disso, em relação à “normalização”, na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal. As disciplinas, por sua vez, estabelecem uma “infrapenalidade”, quadriculam um espaço deixado vazio pelas leis, qualificam e reprimem um conjunto de comportamentos que

escapava aos grandes sistemas de castigo por sua relativa indiferença (FOUCAULT, 2014).

Ampliando, destaca-se a "individualização", visto que no coração dos processos de disciplina, o exame manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam. A sobreposição das relações de poder e das de saber assume, no exame, todo o seu brilho visível. Logo, o exame supõe um mecanismo que liga certo tipo de formação de saber a uma certa forma de exercício do poder (FOUCAULT, 2014).

E por último, considerando a "visibilidade/vigilância", tem-se que as instituições que se formam na sociedade disciplinar, com tecnologias próprias de controle minucioso sobre as operações dos corpos exercem o poder disciplinar, dentro do qual a vigilância opera como uma de suas engrenagens (PRADO FILHO; GERALDINI, 2012).

A disciplina faz "funcionar" um poder relacional que se autossustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados. Assim, os olhares calculados, a visibilidade e a permanente vigilância encontram legitimação a partir da arquitetura do panóptico. Este termo foi adotado por Foucault, que o descreveu como uma das mais brilhantes descobertas da sociedade disciplinar. O panóptico é visto por Foucault (2014, p. 160) como um conjunto de mecanismos "que ligam os feixes de procedimentos do que se serve o poder".

Metodologia

Como parte de uma pesquisa mais ampla, com propósito de compreender a percepção dos acadêmicos acerca das mudanças no ES, nomeadamente em uma IES comunitária brasileira, realizou-se um estudo de caso (YIN, 2001), que se caracterizou como qualitativo (MINAYO, 1994). Desse modo, a unidade de análise foi representada pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Os sujeitos da pesquisa foram os acadêmicos.

Quanto ao gênero, os entrevistados eram 53% feminino e 47% masculino. No que se refere ao tempo de vínculo com a universidade, da amostra de acadêmicos, 69% possuem mais de 10 anos e 31% menos de 3 anos.

Um total de 36 acadêmicos foram entrevistados, correspondendo a 8,5% do total de acadêmicos da universidade (a população, em 2014, era de 425 acadêmicos).

Nesta pesquisa, os dados obtidos por meio das entrevistas foram tratados por meio da análise do discurso. Orlandi (2001), ao tratar sobre a análise de discurso, trabalha o ponto de articulação da língua com a ideologia e procura explicitar o modo como se produzem as ilusões do sujeito e dos sentidos.

Neste caso o tratamento dos dados deu-se inicialmente pelo processo de transcrição das falas dos atores entrevistados do meio magnético para meio escrito. Na sequência, deu-se início à leitura do conteúdo, com o objetivo de reconhecer temas comuns entre os inquiridos, o que viabilizou determinar categorias de codificação com base nos pressupostos conceituais amparados pela revisão da literatura. O processo de codificação contemplou: a fala, as ideias, os argumentos desenvolvidos pelos entrevistados, além dos gestos, expressões faciais, risos, reflexões, lágrimas, entre outros.

Os temas comuns foram compilados consoante suas semelhanças e sentidos, promovendo-se, assim, destaque ao discurso dos inquiridos. À vista disso, buscou-se analisar a problemática da investigação à luz da teoria revisada segundo o discurso dos inquiridos, cujos excertos dos depoimentos são empregues ao longo do texto, nomeadamente na análise dos dados.

Resultados

Esta seção sistematiza as principais percepções dos acadêmicos acerca das mudanças ocorridas no ES com a agenda da qualidade. A interpretação das declarações dos acadêmicos dá-se com base na análise de poder de Michel Foucault, nomeadamente poder disciplinar.

Portanto, a questão a responder nesta investigação será: quais os efeitos e consequências destas mudanças de gestão que perpassam o discurso da qualidade no ES?

Sublinha-se que a questão de pesquisa não está centrada na "favorabilidade" ou "não" dos aspectos da gestão. O objetivo consiste na "análise" do que resulta desse modelo de gestão para os acadêmicos.

Mudanças no ES: o caso de uma universidade brasileira

Tem-se como ponto de partida, no que se refere às mudanças na UNIJUÍ, a percepção dos acadêmicos acerca das características da gestão. O Quadro 1 mostra um conjunto destas características.

Quadro 1 - Características da gestão

Tempo de casa	Características
Menos de 3 anos	Organizada (3)*, burocrática (3)*, democrática (5)*, participativa (2) *.
Mais de 10 anos	Democrática (5)*, participativa (4)*, partilhada, por resultado (2)*, autogestão, profissional (2)*, morosa, eficiente, precisa, qualificada (2)*, clara, burocrática (4)*, legalista, organizada e de desenvolvimento regional (social)*.

*Corresponde ao número de vezes que a característica foi citada pelos entrevistados.

Fonte: A autora (2019).

Entre as características mencionadas pelos acadêmicos, destaca-se a burocracia, que pode ser compreendida quando nos voltamos para o entendimento de Rose (1999) de que a burocracia está vinculada à documentação, e a necessidade da documentação para a acreditação encaminha a uma analogia com o sistema prisional de Bentham, de modo que o praticante deve agir como se estivesse sob permanente vigilância.

Verifica-se que a burocracia atua com olhar vigilante a partir dos controles que impõe com documentos, normas, entre outros mecanismos que foram mencionados pelos acadêmicos. Além disso, a burocracia sinaliza para uma exaustiva rotina de trabalho para os acadêmicos, nomeadamente pela inserção de práticas que sobrecarregam a agenda de atividades.

Pelas lentes dos acadêmicos, os excertos a seguir destacam a mudança na UNIJUÍ:

Mudança de estrutura e de identidade (acadêmico A16).

A gestão antes era "mais participativa". Agora eu percebo distanciamento nas relações, afastamentos, divisões [...] (acadêmico A10).

Mudanças na forma de trabalho, de atribuição de atividade, carga horária, na destinação do tempo na docência, na gestão, na pesquisa e na extensão (acadêmico A6).

É possível extrair dos depoimentos o desconforto quanto às diferenciações entre os acadêmicos, que perpassam, sobretudo, a linha de "indicadores de desempenho", de modo que, nessa perspectiva, decorre o ranqueamento dos acadêmicos, sendo que aqueles que possuem maior produção científica têm alocação na pesquisa e os demais permanecem no ensino. Esse dimensionamento da carga horária pode ser visto também como uma prática de punição quando o acadêmico não apresenta produção científica.

Na ótica de análise, e com base na tese de Foucault, destaca-se que importa ao poder governar a vida dos homens. Potencializar a entrega de resultados utilizando práticas de controle que permitem resposta positiva ao sistema econômico e político. Portanto, desenvolver a docilidade dos homens e intensificar sua força de trabalho, a que Foucault (2014) chama de poder disciplinar.

Quando os acadêmicos refletem sobre mudanças, a liberdade também é considerada, como se pode constatar no trecho a seguir:

Perda de liberdade. Porque o que me encantou quando eu vim para a UNIJUÍ, isso quase 30 anos atrás, foi a enorme possibilidade crescimento. Na época que eu vim havia reuniões, nós éramos uns 100 professores e a gente discutia tudo, quadro político, econômico (acadêmico A4).

Notadamente, a perda de liberdade é verbalizada pela acadêmica no relato, quando faz uma reflexão sobre vários aspectos relacionados à sua trajetória como docente. Dessa maneira, percebe-se que as práticas managerialistas provocam no acadêmico o que denominamos de perda de autenticidade e de confiança, instaurando insegurança na profissão. Por conseguinte, observa-se que as identidades acadêmicas estão passando por processo de alterações, sobretudo em resposta aos desafios e às mudanças impostas às estruturas da universidade, em detrimento da dinâmica de mercado.

No entendimento de Dardot e Laval (2016), o que está em evidência é a maneira como é conduzida a existência humana, em outras palavras, a maneira como as pessoas são induzidas a agir e a relacionar-se com os outros e também consigo mesmo.

Outro elemento relevante na pesquisa relaciona-se à avaliação. Relativamente a essa questão da avaliação, os depoimentos dos acadêmicos constituem-se como relevantes para entender o contexto em que ela se insere:

Eu já presenciei caso de colega que foi demitido por causa da avaliação (acadêmico A5).

Tenho a sensação de monitoramento. E, embora eu perceba a imaturidade dos alunos para avaliar, digo no sentido que deles às vezes tem uma percepção mais pessoal de avaliar o professor, do que pontualmente uma preocupação (acadêmico A11).

Hoje se exige muito mais do tempo do professor, a carga do professor aumentou. E, eu estou sendo avaliado pelo aluno. O professor fica coagido e também tem muita regra (acadêmico A10).

Das explanações dos acadêmicos percebe-se, além da inquietação com a avaliação, a questão da vigilância através das práticas de gestão às quais os acadêmicos estão submetidos. Esse cenário é respaldado por Foucault (2014, p. 170) quando o autor evidencia que “o aparelho disciplinar perfeito capacitaria um único olhar tudo ver permanentemente. Um ponto central seria, ao mesmo tempo, fonte de luz que iluminasse todas as coisas e lugar de convergência para tudo o que deve ser sabido [...]”.

Ainda, de acordo com os propósitos desta pesquisa, ressalta-se que a análise dos dados revela ressentimento dos acadêmicos quando o assunto é a prática de avaliação, também pela presença de critérios subjetivos, além da perspectiva de “juízo”.

O contexto da UNIJUÍ, pelas lentes dos acadêmicos encontra proximidade ou fundamentação em Dardot e Laval (2016) quando os autores destacam a produção de subjetividade “contábil” pela criação de concorrência sistemática entre os indivíduos. Esse contexto é mencionado pelos autores a partir da generalização dos métodos de avaliação no ensino público oriundos da empresa. Como exemplo, a longa greve dos professores de Chicago em setembro de 2012, uma medida que permitiu a avaliação dos professores por meio da avaliação dos alunos, com a possibilidade de demissão do professor cujos alunos não apresentassem resultados satisfatórios.

Assim como, acerca da avaliação institucional, Ball (2016) argumenta que essas práticas direcionam as pessoas para uma maior qualificação, eficiência e resultado. Consequentemente, mais manipuláveis e produtivos com integrantes da economia do conhecimento. Além disso, a própria pessoa desafia-se a entregar sempre mais. Uma ideia de alcançar uma elevada *performance*, de maneira fascinante.

A subordinação dos acadêmicos encontra sustentação nos processos de avaliação da UNIJUÍ, os quais estão estruturados de maneira a exercer poder sobre o fazer docente – sobre o docente. Esse poder pode ser identificado a partir da arquitetura que utiliza a avaliação como mecanismo de individualização, sendo que, através de mecanismos de registro, avaliação e classificação, torna-se possível

ilustrar como um conjunto de conhecimentos que opera para objetivar aqueles em quem é aplicado.

Qualidade na UNIJUÍ: uma análise Foucaultiana

Mecanismos disciplinares e de controle decorrentes da agenda qualidade na UNIJUÍ, é o que os acadêmicos percebem:

O cumprimento de horários (acadêmico B2).
Muitos prazos, e muita exigência. Resultados . . . (acadêmico A12).
Ninguém gosta de prestar contas, é realmente muita burocracia.
Estou deixando de participar em eventos porque, para solicitar o recurso e depois prestar contas, é muito papel (acadêmico A23).

Depreende-se do acadêmico B2 o que é postulado pelas práticas de GP atuando como forma de poder, num contexto de normalização. Toma-se como exemplo o cumprimento de horário considerando o registro do comportamento individual do acadêmico. Trata-se de um poder que se evidencia, neste caso, pelo controle de horário, que sustenta como os procedimentos disciplinares podem ser identificados como maneira de definir parâmetros de comportamento aceitáveis e não aceitáveis (TOWNLEY, 1994; 1997).

Dessa forma, foi evidenciado pelos acadêmicos que o fazer docente está sendo afetado pelas práticas de gestão. Além disso, A3 corrobora ao dizer que “ou tu faz, ou tu te sujeita às consequências (demissão) [...]. Tu sabe que para dar conta disso, tu precisa entrar nesse esquema”.

O depoimento do acadêmico fundamenta-se na leitura de biopolítica que sustenta o contexto considerando a regulação do corpo coletivo e da vida da população. Outro relato de entrevistado que merece atenção, diz:

A nossa qualidade é medida por uma regra que mede resultado. As políticas externas e internas nos limitaram. Tenho certeza que a maioria se sente tolhido na liberdade de ir e vir (acadêmico A24).

Deste depoimento é possível compreender o contexto de normalização, vinculado ao resultado. Com efeito, a norma obteve sucesso permitindo uma conexão entre o corpo individual (disciplina) e a multiplicidade biológica (biopoder).

Portanto, a norma pode ser utilizada para um corpo que se pretende disciplinar e também para uma população que se quer regulamentar. Sendo assim, a sociedade de normalização transita pela da norma disciplinar e pela norma de regulamentação.

Além disso, convém destacar que em Vigiar e Punir tem-se o caráter paradoxal do que Foucault descreve como a subjetivação do prisioneiro. A subjetivação retrata paradoxo, visto que o *assujettissement* denota tanto o devir do sujeito quanto o processo de sujeição – só se habita a figura da autonomia sujeitando-se a um poder, uma sujeição que implica uma dependência radical. Para Foucault (2014), esse processo de subjetivação ocorre, de maneira central, através do corpo.

Tal colocação vem ao encontro do que se propõe, no sentido de evidenciar que a agenda da qualidade revela uma perspectiva inclinada para a individualidade, tal como mencionado pelos inquiridos, “A nossa vice-reitora sempre fala que tem uma instituição de doutores improdutivos” (acadêmico A4).

A declaração de A4 remete ao contexto que perpassa os sistemas de avaliação como ferramentas que quantificam desempenho, e que também podem ser usados para estabelecer níveis normativos de produtividade, capazes de suscitar o julgamento do desempenho dos acadêmicos.

Depreende-se que a tese de Foucault faz sentido à medida que o movimento de desconforto dos acadêmicos torna-se visível face a forma como o sistema se encontra estruturado. Não quer dizer que os acadêmicos não estejam numa posição que inclua a avaliação, entretanto, é inescusável que os critérios sejam revisados, nomeadamente naquilo que implica as condições em que está inserido um acadêmico.

O contexto das IES privadas, com significativo quadro de docentes horistas, depara-se com um desafio acentuado para gestores e acadêmicos, sobretudo na pesquisa. Nesse sentido, revela-se a inquietação de acadêmicos e gestores, como trabalhadores, estabelecidos numa conjuntura não linear.

Interpreta-se a cobrança dos gestores, como fruto do neoliberalismo, a partir de um conjunto de práticas implementadas na IES, que perpassam o princípio da concorrência. Originando, então, a gestão de indivíduos, incitados à produção de resultados, o que por sua vez reflete na individualidade.

Com base em Foucault (2014), compreende-se esse contexto a partir da formação de uma série de códigos da individualidade disciplinar que permitem transcrever, homogeneizando-os, traços individuais estabelecidos pelo exame - o código dos comportamentos e desempenhos. Na sua forma quantitativa ou qualitativa, marcam a "formalização" do individual dentro de relações de poder.

Ampliando a discussão, considerando a teoria de Foucault, nota-se que os indivíduos não são regulados por relações exteriores de poder, pelo contrário, os indivíduos tornam-se prisioneiros por meio de sua "identidade" constituída discursivamente (BUTLER, 2017).

Outra citação complementa a análise, como a fala do acadêmico A24:

A qualidade não é o resultado quantitativo, que eu chamo de emancipação (relação com o mundo). As diretrizes que tomam conta da universidade que transforma o professor em alguém que precisa mostrar números. Olha 30% (dos acadêmicos) têm êxito e 70% não tem êxito.

Considerando a afirmação de A24 confirma-se que a combinação de práticas de gestão possibilitou a produção de formas individualizadas que deu origem ao sujeito moderno. Consiste em um produto das formas disciplinares de poder que usando de suas estratégias conformaram corpos cuja relação docilidade-utilidade equilibrou-se eficientemente e permitiu a conformação dos cidadãos ("eus" modernos centrados).

Ainda no que tange a esse propósito é importante destacar a seguinte citação:

Meu desencanto vem acompanhado da vontade de largar a docência, porque estou saturado das cobranças sobre produção (quantos artigos publicados, capítulos de livros, entre outros) (acadêmico A3).

Decorrente da questão da individualização, a declaração de A3, encontra significância quando Butler (2017, p. 91) argumenta que a "individualidade do prisioneiro se torna coerente, totalizada, que se converte na posse discursiva e conceitual da prisão"; é como afirma Foucault, dessa forma que ele torna "o princípio de sua própria sujeição". Esse ideal normativo no prisioneiro, por assim dizer, é um tipo de identidade psíquica, ou o que Foucault chamará de "alma". Como a alma tem um efeito encarcerador, Foucault (2014) evidencia que o

prisioneiro é submetido de uma maneira mais fundamental do que a do espaço físico do cárcere representado pela prisão.

Além disso, o produtivismo também remete à individualidade, exprimido nos excertos:

A minha principal crítica deriva de toda essa reformulação que é suprainstitucional, o tal do currículo *Lattes*, ele ao mesmo tempo em que promoveu avanços, eu acho que ele às vezes promove enormes distorções, um individualismo muito grande, um produtivismo às cegas, que às vezes a gente se pergunta: a quem serve esse tipo de trabalho? Mas o que interessa é publicar, publicar e publicar (acadêmico A4).

Com o movimento de internacionalização do ensino, não basta publicar, mas é necessário publicar com impacto. E como produzir e publicar com impacto se ao mesmo tempo é preciso ter muitas publicações. E o tempo para produzir? (acadêmico A2).

Em relação ao testemunho de A2, percebe-se o desenho de uma cultura homogênea quando se trata da rotina dos acadêmicos, independente da área de atuação. Os acadêmicos passam a estar, cada vez mais, comprometidos com a pesquisa, incluindo a publicação de artigos, a participação em congressos e conferências. E, assim, demonstrando atualização de sua área de atuação, o que representa atender ao escopo do novo modelo de gestão.

Esse cenário impacta no ensino, de modo que a valorização da produção/publicação assume um poder maior de arregimentação dos esforços dos acadêmicos. Assim sendo, a avaliação da pesquisa vai progressivamente assumindo uma perspectiva produtivista, vinculada a indicadores.

Depreende-se, sobretudo da fala de A4, que a UNIJUÍ foi tomada como o *locus* para a construção de um novo escopo de gestão que gera referida individualização, a partir de práticas que aí se desenvolvem cujo objetivo vem constituir na fabricação do sujeito, levando ao assujeitamento. Nesse sentido, a individualização também encontra significado nas assertivas a seguir,

Estamos reféns da meritocracia (acadêmico A24).

Vou te dizer uma coisa: esses últimos anos eu aprendi respirar um pouco sem me culpar, porque você tem a sensação que está sempre devendo. É uma sensação de opressão. Eu todos os dias vou para casa com uma pastinha, às vezes eu não abro, mas ela está lá para lembrar que eu deveria estar fazendo algo (acadêmico A4).

Os acadêmicos não escondem o sentimento de desconforto e reconhecem que suas atividades são monitoradas. O currículo *Lattes* entra como mecanismo de automonitoramento e vigilância, de maneira que lá está demonstrada a produção do acadêmico.

Relevante destacar que o currículo *Lattes* pode apresentar vantagens e desvantagens. Cita-se com exemplo de vantagens o fato do acadêmico publicizar e ter o reconhecimento do seu trabalho, nomeadamente no âmbito da investigação. Por outro lado, a necessidade ou imposição por publicações também apresenta aspectos de competitividade, *stress* e frustração.

Uma outra questão que decorre das entrevistas e que retrata significância notadamente nos depoimentos de A4 e A24 diz respeito à resistência. Assim, busca-se compreender a resistência, ou dito de outra forma, a sutil resistência dos acadêmicos a partir do olhar de Foucault. Pois, se resistir é o oposto de reagir, supõe-se que os acadêmicos resistem ao que lhes é designado pelas práticas implementadas a partir do modelo de gestão. Dessa maneira, a resistência estaria na criação de possibilidades de existência a partir de composições de forças que permitem a permanência no meio. Isso significa supor que a resistência talvez seja a única alternativa dos acadêmicos, mesmo não concordando ou sofrendo as consequências do modelo de gestão que introduziu tecnologias (práticas) de controle e vigilância. Neste contexto, Butler (2017, p. 100) aborda a resistência “como efeito do poder, como parte do poder, como subversão a ele mesmo”.

A partir dessas considerações, constata-se o que é apresentado por Foucault sobre como o panóptico revolucionou o modo pelo qual o controle é exercido sobre os indivíduos, ou seja, o controle, a partir da visibilidade, a nuance da visibilidade no aprimoramento de práticas de vigilância e a construção do panoptismo social.

No que concerne à visibilidade, vale ressaltar que o poder apresenta efeitos de invisibilidade, que se caracteriza por uma vigilância que está em todos os níveis – um anônimo. Nesse sentido, a figura do panóptico encontra legitimidade, nomeadamente pelo efeito de induzir ao “detento” um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder.

Acredita-se, face ao que foi exposto, que, da análise deste quadro que trata da visibilidade, a citação a seguir merece destaque,

Às vezes tu queres fazer um pouquinho diferente, mas daí tu te sente assim, será que eu posso? Eu estou sempre assim pensando que tem um olhar, tem um acompanhamento de tudo [...] (acadêmico A12).

Como se constata no fragmento de texto de A12, o contexto de um poder invisível que exerce controle sobre o fazer do acadêmico, uma evidente a sujeição, neste caso das práticas de gestão instituídas na UNIJUÍ. Isso significa a presença do princípio do panoptismo, visto que foi internalizado o olhar autoritário do sistema de gestão.

Assim, é verificável, segundo Foucault (2014), que a consequência mais significativa do panóptico é conduzir o detento a uma condição de consciente e constante visibilidade garantindo a atuação automática do poder.

Da mesma forma, outro acadêmico diz,

Nos últimos 20 anos nos tornamos reféns. Eles (o Governo Federal) organizaram a formação do professor, a política educação. Nos últimos 20 anos começamos a sofrer com a política prescritiva, passamos de avaliação quantitativa para qualitativa. E talvez seja aí que caímos nesse conceito de qualidade autoritário, de ranqueamento, de meritocracia [...]. No início parecia que éramos mais democráticos e emancipadores (acadêmico A24).

Da fala de A24, é possível entender como gradativamente o poder é crescente a partir das práticas ou relações estratégicas entre indivíduos e grupos que entre si concebem jogos de conduta que decorrem de acordo com o preceito da governamentalidade. Como se vê, a política em vigor, no ES, não cessa de potencializar os seus efeitos, buscando sempre maximizar resultados a menores custos. Assim, cita-se a aplicabilidade de tecnologias de regulação e autorregulação. Ainda no contexto de panoptismo, os acadêmicos declaram:

Me sinto num regime de "semiliberdade" (acadêmico A8).
Nós sempre tivemos uma agenda de trabalho com autonomia (acadêmico A18).
A profissão professor é estressante, amarrou [...]. Por que estamos adoecendo? (acadêmico A13).
A agenda era mais flexível, mesmo com pesquisa, extensão e ensino. E, havia mais janelas para acomodar o imprevisto. E mais liberdade

para executar. Agora, a agenda é com muitos prazos e compromissos (acadêmico A4).

Distribuição de carga horária, a chamada em 48 horas, a retirada da chave da sala de aula (livro de registro com horário de retirada e devolução), o lançamento de conteúdos no diário e o lançamento do plano de ensino com prazo (acadêmico A3).

Os testemunhos dos acadêmicos comprovam que o pensamento de Foucault acerca da relação do panoptismo ao capitalismo procedem, visto que é possível identificar como o exercício do poder menos custoso possível conecta o crescimento econômico do poder e o rendimento dos aparelhos no interior dos quais se exerce fazer aumentar tanto a docilidade como a utilidade de todos os elementos do sistema.

Por fim, a declaração de outro acadêmico,

Eu já passei por momentos de decepção, por outro lado, em outros momentos, quanta coisa legal. Por outro lado, eu tenho passado por algumas crises de percepção, parece que eu não estou mais trabalhando na mesma instituição. E isso me dá uma ansiedade muito grande, porque isso é algo que mexe muito comigo. São mudanças. . . Compreensão de mundo, e cada um têm a sua. Chega! Até me emocionei (lágrimas) (acadêmico A13).

A partir dessas considerações, e por último a confissão de A13, é que se pode assinalar o que Foucault abordou em Vigiar e Punir, nomeadamente sobre o poder, o filósofo defendia que a alma é definida como instrumento de poder pelo qual o corpo é cultivado e formado. A que Butler (2017) faz referência a alma como um ideal normativo e normalizador, onde corpo é treinado e moldado. É um ideal imaginário historicamente específico [*idéal spéculatif*] sob o qual o corpo se materializa. Então essa sujeição não é apenas subordinação, mas uma garantia e manutenção, uma subjetivação.

Discussão

A análise dos dados das entrevistas revelou que os acadêmicos da UNIJUÍ destacam elementos que decorrem das mudanças na gestão, com reflexo no fazer docente. Nomeadamente de maneira mais enfática pelos acadêmicos com mais de 10 anos de vínculo na IES. É evidenciado o descontentamento com cumprimento de horário, planejamento tempo docente, prazos, exigência, cobrança por resultados, políticas externas e internas limitantes, tolhimento na

liberdade de ir e vir, penalidades (como a demissão), prestação de contas e burocracia (participação em eventos, lançamento de notas, plano de aula, plano de ensino, frequência), cobrança por publicações – produtivismo, sobrecarga de trabalho. Também revelaram que se sentem reféns da meritocracia, com dificuldade para descanso (lazer), com perda de autonomia, com conceito autoritário de qualidade, ranqueamento e meritocrática.

Os referidos elementos impõem um regime sobre a organização do trabalho que, de fato, é pautado em regras e normas, que, por sua vez, levam ao disciplinamento dos acadêmicos. Nesse sentido, ao considerar a normalização, assinala-se que as práticas de gestão de recursos humanos funcionam como mecanismo de poder.

Os efeitos do poder panóptico apresentam-se pela percepção dos acadêmicos por meio de maior nível de exigência nas atividades, menor liberdade para execução das atividades, tempo calculado, muitos prazos e compromissos, entre outros. Como se constata, o pensamento de Foucault (2014) comprova que o panóptico é uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder.

A propósito disso, há que se considerar a intensificação das relações de poder no meio acadêmico, por meio dos mecanismos disciplinares implementados como facilitadores da garantia da qualidade no ES. Isso quer dizer que os acadêmicos estão cientes dos reflexos das práticas em seu fazer docente e, muitas vezes, na sua vida pessoal (SHORE; ROBERTS, 1993; BARRATT, 2003). Logo, demonstram inquietação, insatisfação, medo, angústia, entre outros, perante essa nova agenda.

À luz da tese de Foucault compreende-se como os acadêmicos se desconstroem para depois formar um novo sujeito. A formação desse sujeito é percebida a partir dos relatos dos acadêmicos, como exemplos da formação desse novo sujeito que é, ao mesmo tempo, o enquadramento, a subordinação e a regulação do corpo. Essa ideia, além de referendar as afirmações anteriores, possibilita refletir sobre sujeição, resistência e a ressignificação da identidade dos acadêmicos a partir das reformas no ES.

Considera-se aqui as funções e os efeitos dessas reformas, focando na qualidade com base no modelo do panóptico de Jeremy Bentham, situando-se, teoricamente, dentro do corpo de literatura preocupada com a análise de novas

práticas de gestão e discursos na educação, bem como a forma como estes funcionam no sentido de disciplinar, controlar, classificar e conter os acadêmicos (BALL, 1990).

O exercício de controle da qualidade demonstra que o ensino está tornando-se cada vez mais burocratizado, padronizado e quantificado. A experiência de aprendizagem é contabilizada, e tudo deve ser controlado e auditado. Isso significa também que a política de educação pode ser vista como um discurso de poder, no qual se percebe a criação de uma máquina administrativa orientada para a eficiência e produtividade, cujo objetivo é normalizar os indivíduos, ter o controle, bem como forjar corpos dóceis.

Conclusões

Este estudo teve como objetivo analisar o contexto de inserção da agenda da qualidade na gestão no ES na UNIJUÍ e os fatores que a influenciaram. A análise deste fenômeno deu-se através das lentes teóricas de Michel Foucault, evidenciando quais os efeitos e consequências nos acadêmicos que derivam do novo modelo de gestão que decorre da agenda da qualidade.

Como se percebe, essa forma de gestão, por meio de mecanismos regulatórios de desempenho, reflete nos acadêmicos sujeitos expostos a mais vigilância, resultando em quadro de “pesadelo” por parte destes (acadêmicos) (SHORE, 2010). Na opinião de Candiotto (2012) e Prado Filho, Lobo e Lemos (2014), um tipo de valor é vivido pelos acadêmicos, no qual o compromisso, o julgamento e a autenticidade estão em função do desempenho.

Além disso, há que se atentar para o fato deste escopo de gestão estar articulado de modo que o acadêmico não consiga identificar onde o poder reside, ou seja, ele somente percebe que está submisso a um comando que atua de maneira sutil ou, dito de outra maneira, invisível. Assim, o acadêmico está condicionado para se disciplinar a si mesmo, estando ele ciente ser o responsável pelo alcance dos resultados. Para que o sistema possa ter êxito, conta também com indicadores de desempenho. Os indicadores, quando vistos a partir do currículo *Lattes* (por exemplo), evidenciam individualismo, tornam-se instrumentos de estratificação social.

Quanto à visibilidade, o panóptico de Bertham pode ser anunciado como um exemplo paradigmático de como essas tecnologias funcionam como sistemas de controle social. Assim, todos estão presos na máquina, aqueles que exercem o poder e aqueles que são submetidos a ela. Ao induzir um estado de visibilidade consciente e permanente do panóptico, o preso acaba sendo instrumento de sua própria subjugação.

Esse contexto contribui para uma melhor compreensão de como os princípios do panóptico fundamentam-se em um mecanismo para normalização dos indivíduos em busca da eficiência econômica e da produtividade. Esses princípios do panotismo alcançam o discurso da qualidade que está inserido no âmbito das reformas no ES.

Os dados fornecem evidências de que, no novo modelo de gestão, com o moderno discurso sobre excelência, revela-se um mecanismo de disciplina e controle da força de trabalho. Desta forma, os trabalhadores foram transformados em entidades calculáveis. Esse mecanismo instituiu hábitos de autodisciplina de modo que os trabalhadores passassem a olhar sobre si mesmos para melhorar sua própria produtividade e desempenho (SHORE, 2010; AMSLER; SHORE, 2015).

Isso tem sido visível no fazer docente, visto que as percepções negativas dos acadêmicos estão em maior proporção se comparadas com as positivas (que de alguma maneira também foram pontuadas pelos acadêmicos). Dessa maneira, resultando o discurso da qualidade sustentado pelo poder disciplinar que abrange a normalização, a individualização e a vigilância, com olhar sobre o indivíduo.

Finalmente, analisar a agenda da qualidade nas IES, a partir das lentes de Foucault, torna-se factível de maneira que muito do trabalho do autor enfoca o surgimento do Estado moderno e o problema do governo. O argumento de Foucault (1979) é que a gestão (ou policiamento) dos sujeitos, como o trabalho por meio do conhecimento racional e científico (ou pseudocientífico) da população, era um elemento indispensável no desenvolvimento do capitalismo.

Referências

AMARAL, A.; MAGALHÃES, A. Changing values and norms in portuguese higher education. *Higher Education Policy*, London, v. 20, p. 315-338, 2007.

AMSLER, M.; SHORE, C. Responsibilisation and leadership in the neoliberal university: a New Zealand perspective. *Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education*, Abingdon, Inglaterra, v. 38, n. 1, p. 123-137, 2015. DOI: 10.1080/01596306.2015.1104857. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/284205944_Responsibilisation_and_leadership_in_the_neoliberal_university_a_New_Zealand_perspective. Acesso em: 8 jan. 2020.

BALL, S. J. *Management as moral technology*. London: Routledge, 1990.

BALL, S. Neoliberal education? Confronting the slouching beast. *Policy Futures in Education*, [S. l.], v. 14, n. 8, p. 1046-1059, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1177/1478210316664259>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1478210316664259>. Acesso em: 15 jan. 2020.

BARRATT, E. Foucault, HRM and the ethos of the critical management scholar. *Journal of Management Studies*, Oxford, v. 40, n. 5, p. 1069-1087, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-6486.00371>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-6486.00371>. Acesso em: 8 jan. 2020.

BUTLER, J. *A vida psíquica do poder: teoria da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CANDIOTTO, C. Cuidado da vida e cuidado de si: sobre a individualização biopolítica contemporânea. *Revista Dissertatio de Filosofia*, Pelotas, RS, v. 34, p. 469, 2011. DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.15210/DISSERTATIO.V34I0.8712](https://doi.org/10.15210/DISSERTATIO.V34I0.8712). Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/dissertatio/article/view/8712/5755>. Acesso em: 20 fev. 2020.

CANDIOTTO, C. Disciplina e segurança em Michel Foucault: a normalização e a regulação da delinquência. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 24, n. especial, p. 18-24, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v24nspe/04.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

CARDOSO, S.; CARVALHO, T.; VIDEIRA, P. Is it still worth working in academia? The views from portuguese academics. *Higher Education Policy*, London, v. 32, n. 1, p. 1-17, 2018.

DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS SOBRINHO, J. Avaliação e transformações da educação superior brasileira (1995-2009): do provão ao Sinaes. *Revista da Avaliação da Educação Superior*,

Campinas, SP, v. 15, n. 1, p. 195-224, 2010. DOI: 10.1590/S1414-40772010000100011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aval/v15n1/v15n1a11.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.

DILL, D.; BEERKENS, M. (ed.). *Public policy for academic quality: analyses of innovative policy instruments*. [Berlim]: Springer, 2012.

DU GAY, P. *Consumption and identity at work*. London: Sage, 1996.

ENGBRETSSEN, E.; HEGGEN, K.; EILERTSEN, A. H. Accreditation and power: a discourse analysis of a new regime of governance in higher education. *Scandinavian Journal of Educational Research*, Abingdon, England, v. 56, n. 4, p. 401-417, 2012.

FOUCAULT, M. *Soberania e disciplina*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, M. *O sujeito e o poder*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

GREEN, D.; HARVEY, L. Defining quality. *Assessment and Evaluation in Higher Education*, Bath, England, v. 18, n. 1, p. 9-34, 1993. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/0260293930180102>. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ462757>. Acesso em: 5 de fev. 2020.

HARRIS, J. W. *Key concepts for quality improvement for higher education*. Birmingham: Samford University, 1992.

LIPMAN, P. *The new political economy of urban education: neoliberalism, race, and the right to the city*. New York: Routledge, 2011.

LYNCH, R. A. A teoria do poder. In: TAYLOR, D. (ed.). *Michel Foucault: conceitos fundamentais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 23-40.

MINAYO, M. C. *Fase de análise ou tratamento do material*. São Paulo: Hucitec, 1994.

NEAVE, G. The changing frontiers of autonomy and accountability. *Higher Education Policy*, London, v. 14, n. 1, p. 1-5, 2001.

ORLANDI, E. P. *Michel Foucault: perspectivas*. Florianópolis: Achiamé, 2001.

PEREIRA, C. A.; ARAÚJO, J. F. F. E.; MACHADO-TAYLOR, M. de L. The brazilian higher education evaluation model: "SINAES" sui generis?. *International Journal of Educational Development*, [S. l.], v. 61, p. 5-15, 2018. Disponível em: <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S0738059317304467?token=BA1779478AFB9975D53D3CF567676914130CFB39C861EB6E8B84F670CEDFAD3C6ECF5913B419B9250BB35F81E36A7FA3>. Acesso em: 5 de fev. 2020.

PRADO FILHO, K. *Michel Foucault: uma história da governamentalidade*. Florianópolis: Ed. Insular, 2006.

PRADO FILHO, K.; GERALDINI, J. R. *Reflexões e experiências em psicologia jurídica: no contexto criminal/penal*. São Paulo: Editora Vetor, 2012.

PRADO FILHO, K.; LOBO, L. F.; LEMOS, F. C. S. A história do presente em Foucault e as lutas atuais. *Fractal, Revista Psicologia*, [Niterói, RJ], v. 26, n. 1, p. 29-42, 2014. DOI <https://doi.org/10.1590/S1984-02922014000100004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/fractal/v26n1/v26n1a04.pdf>. Acesso em: 21 de fev. 2020.

ROSE, N. *Powers of freedom: reframing political thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

ROTHEN, J. C.; BARREYRO, G. B.; PRADO, A. de P.; BORTOLIN, L.; CAVACHIA, R. C. A divulgação da avaliação da educação na imprensa escrita: 1995-2010. *Avaliação*, Campinas, SP, v. 20, n. 3, p. 643-664, 2015. DOI: 10.1590/S1414-40772015000300005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/aval/v20n3/1414-4077-aval-20-03-00643.pdf>. Acesso em: 11 de mar. 2020.

ROTHEN, J. C.; MALHEIROS, A. C.; SILVA, A. L. C. da; SOUZA, A. C.; BERNARDES, J. dos S.; BORTOLIN, L.; FERNANDES, L. M. da C. S. G.; BOTIGLIEIRI, P. C.; BORGES, R. M. Avaliação e a qualidade na educação superior: a consolidação de um discurso hegemônico. *Revista Expedições, Morrinhos, GO*, v. 9, n. 2, jun. 2018.

ROTHEN, J. C.; SANTANA, A. da C. M. External evaluation of education and teacher work: the brazilian case. *Policy Futures in Education*, [S. l.], v. 13, n. 7, p. 870-886, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/1478210315572676>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1478210315572676>. Acesso em: 11 de mar. 2020.

SANTANA, A. da C. M.; SILVA, A. L. C. da; SOUZA, A. C.; BERNARDES, J. dos S.; ROTHEN, J. C.; BORTOLIN, L.; FERNANDES, M. C. da S. G.; BOTIGLIERI, P. C.; BORGES, R. M. A qualidade no ensino superior: discursos hegemônico e contra-hegemônicos em disputa. In: SEMINÁRIO NACIONAL UNIVERSITAS/BR, 24., 2016, Maringá, PR. *Anais* [...]. Maringá: [s. n.], 2016. p. 521-536. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/xxivuniversitas/anais/trabalhos/e_3/3-005.pdf. Acesso em: 30 de jan. 2020.

SHORE, C. Beyond the multiversity: neoliberalismo and the rise of the schizophrenic university. *Social Anthropology*, [Cambridge], v. 18, p. 15-29, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1469-8676.2009.00094.x>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/229801450_Beyond_the_Multiversity_Neoliberalism_and_the_Rise_of_the_Schizophrenic_University. Acesso em: 30 de jan. 2020.

SHORE, C.; ROBERTS, S. Higher education and the panopticon paradigm: quality assessment as "disciplinary technology". *Higher Education Review*, London, v. 27, n. 3, p. 8-17, 1993. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED368243>. Acesso em: 15 de jan. 2020.

TAYLOR, D. (ed.). *Michel Foucault: conceitos fundamentais*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

TOWNLEY, B. *Reframing human resource management: power, ethics and the subject at work*. London: Sage, 1994.

TOWNLEY, B. The institutional logic of performance appraisal. *Organization Studies*, Berlim, v. 18, n. 2, p. 261-285, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1177/017084069701800204>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/017084069701800204?legid=sposs%3B18%2F2%2F261&patientinform-links=yes>. Acesso em: 8 de jan. 2020.

YIN, R. K. *Case study research: design and methods*. Newbury Park: Sage, 2001.